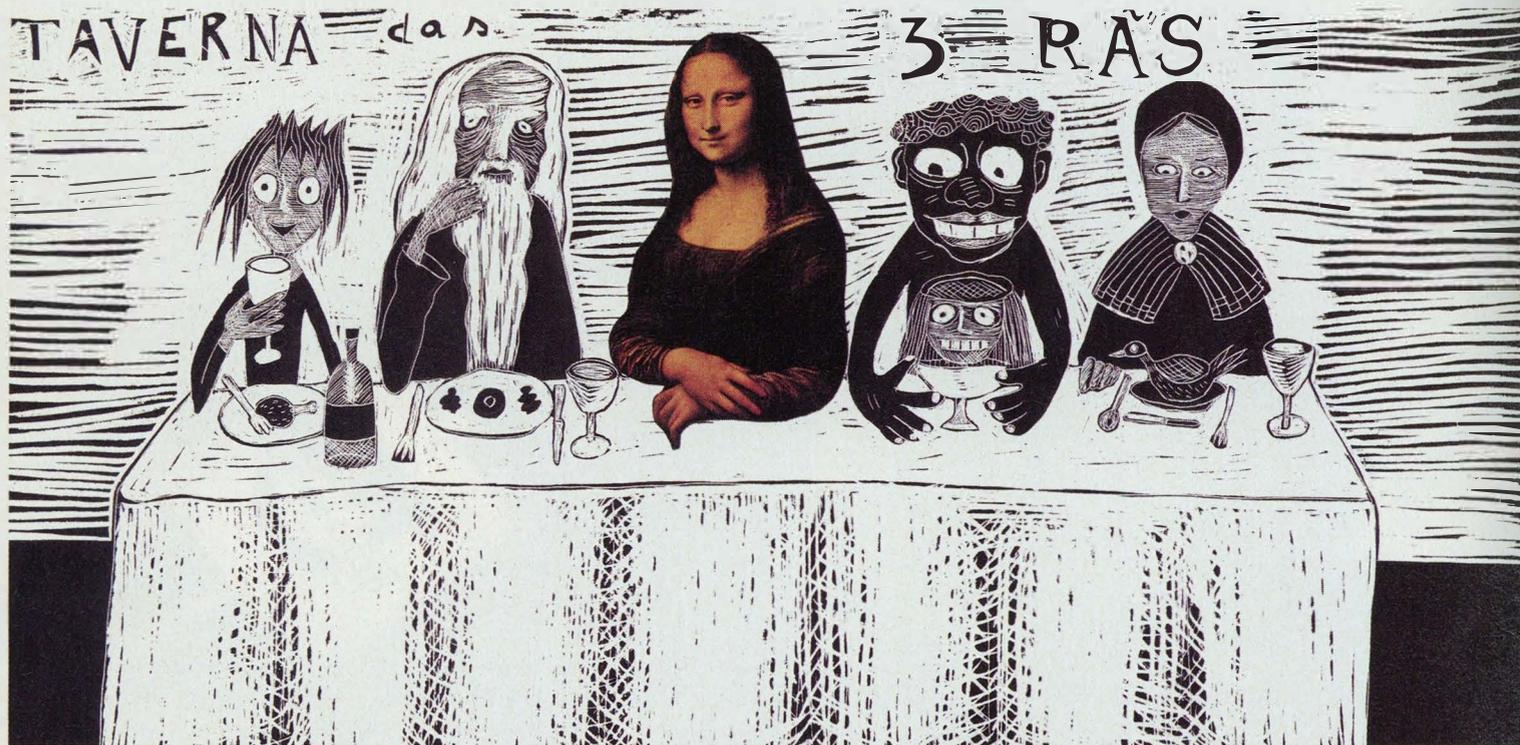


# JOSÉ CARDOSO PIRES



ALICE GEIRINHAS

## Sorrisos de Outono, festa na mesa

**P**elo que me diz a *Folhinha do Agricultor*, este Novembro, mês de Júpiter, devia ter sido povoado de sorrisos e de pródigos manjares e parece que não errou.

Em Novembro, segundo aquele oráculo, o lavrador trabalha a semente e acomoda o vinho no sono das pipas. Semeia-se a margarida, que é flor de menina obediente, e planta-se o morango para tentação dos olhos e do gosto. Da vaca de leite falemos com temperança, pois todo o Outono lhe será infiel pelo declinar dos machos que, por isso, tornam loucas as pobrezinhas.

Com os homens dá-se o inverso. Folgai, bailai, moças garbadas, mas com tento. Nunca esquecer que “Novembro esperta o membro”. Posto isto, que a mocidade se previna no respeitante aos prazeres da mesa porque muitas vezes é ali que as conversas se desregam em entendimento e em luxúrias secretas.

DOMINGO 3, dia santo. Guardado numa jaula de ouro morreu o imperador Bokassa. Sem açaimo e sem a encenação perversa do *Silêncio dos Inocentes*, este antropófago de pé descalço é um exemplar histórico da seita dos *serial killers* funda-

mentalistas que aproveitam até às vísceras o lúbrico sabor da morte. Adversário desdenhoso dos cristãos, diz-se que devorou um missionário adventista das Antilhas depois de o ter ouvido cantar esta trova que interpretou como uma alusão desleal à sua pessoa:

*Era una pulga muy cristiana,  
apostólica, católica, romana,  
y un dia se comió un elefante  
porque era protestante.*

*Hay que comer pero no tanto  
y sobretudo respectar a lo Campo Santo.*

Adiante. À notícia da morte de Bokassa o *This Week* acrescentou uma fotografia que o apresenta em sorriso mongolói-de, num jantar íntimo com os generais antropófagos da sua corte. Não se vê mas apostava que em centro de mesa estava o crânio cabeludo dum indígena de matadouro.

FIM-DE-SEMANA à luz de Outono, o Guincho em horizonte deserto. Uma sopa de lagostins em tigela coberta com

massa folhada e um branco da Quinta da Gaivota verdadeiramente a calhar. Lembro-me de José Quitério na sua arte de escrever e de saborear escrevendo.

E de Babette.

Babette, a *Festa de Babette*, vem-me à memória com a ternura que o sorriso dela nos transmite diante duma mesa de sabores e de poesia. Os perfumes, o humor (discretíssimo, um anunciar apenas), o apuro, a elegia – tanta coisa que este filme me deixou.

Fernando Lopes, partidário deslumbrado da *Babette*, contou-me que um amigo dele, cozinheiro e gourmet excelentíssimo, entre os jantares temáticos que oferece aos seus privilegiados, preparou um em rigorosa obediência à ementa do banquete do filme de Gabriel Axel. Admirável, sinceramente. É invejável, também.

DIA 4, sorriso azul. Em *jet lobby* e bem segura vai Leonor para o tribunal no erã da televisão. Vai de sorriso cavaquista, mal composto em face dura, porque mandou para o fogo brando os sábios da magistratura. Mamã Beleza, como sempre em senda anónima; o seu Nino desertor, perdoadíssimo. Tudo bem, tudo em família, oh que paz, que redenção. Mas no céu sem nuvens há um estremecer de dúvida. “O sorriso azul a desfazer-se em chuva”, como diz o poema de Shelley. Sorriso há. Mas de banquete não se fala por enquanto.

QUINTA-FEIRA, 21. Acabei de ler as *Notas de Cozinha* de Leonardo Da Vinci. Estou certo de que vou ter por muito tempo o sorriso de Gioconda a iluminar as aventuras que aprendi neste livro.

Livro de aventuras, disse eu. Verdade, neste Codex Leonardo que durante séculos esteve oculto ou contestado, a Cozinha e o ritual da Mesa são um deslumbramento de aventuras. De Mestre Universal das artes, de arquitecto de palácios e fortificações, de investigador da mecânica e da cosmologia. Da Vinci, pelo que fiquei a saber agora, passou a mestre de cozinha de Ludovico Sforza, governador de Milão. Já antes – a Arte que esperasse – tinha montado com Botticelli (com Botticelli, imagine-se) a Taverna das Três Rãs, mas foi na corte de Sforza que ele se fez precursor da *nouvelle cuisine* com arranjos de arte e de irreverência.

Inventou o *spaghetti*, quem

diria, mas os girinos, o leão-marinho ou o dorso de serpente foram também fundamentais na sua ementa. Tocador de alaúde, acrescentou à lista música mecânica de foles, tambores e “órgãos de beijos” com algumas anedotas para alegrar a mesa porque era “superlativo a contar anedotas e a arranjar sarilhos”, como ele próprio confessava.

Um dos sarilhos foi a encomenda para a Mona Lisa que lhe apareceu nessa altura e que lhe levou um ano a pintar. Deixou-nos nela um sorriso para a eternidade.

Um sorriso que, quanto a mim, tem a luz, o segredo e talvez o humor ou a ironia duma paz outonal.

